

# Para que servem os afetos?<sup>1</sup>

*Michael Hardt*

*Tradução de Luiz Roberto Leite Farias*

*Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)*

Os ensaios neste volume evidenciam aquilo que Patricia Clough identifica como uma “virada afetiva” nas humanidades e nas ciências sociais. Assim como as outras “viradas” ocorridas em campos acadêmicos diversos nas últimas décadas – a virada linguística, a virada cultural, e assim por diante –, a virada afetiva consolida e estende alguns dos caminhos mais promissores da pesquisa na atualidade. Especificamente, os dois principais precursores da virada afetiva nos trabalhos acadêmicos nos Estados Unidos são o enfoque no corpo, mais extensivamente desenvolvido pela teoria feminista; e a exploração das emoções, predominantemente conduzida pela teoria *queer*<sup>1</sup>. Assim como as demais, a virada afetiva, enquanto estende linhas de pesquisas já consolidadas, também abre possibilidades de estudos inusitadas, lançando luzes imprevistas sobre trabalhos anteriores indicando novas perspectivas de abordagens políticas. Penso ser útil, então, aproveitar a oportunidade deste prefácio para refletir brevemente sobre a utilidade dos afetos.

Além de obviamente chamar a atenção para o corpo e para as emoções, o enfoque nos afetos introduz um deslocamento importante. O desafio da virada afetiva reside primariamente na síntese corpo/mente que essa perspectiva requer, ao envolver tanto a razão quanto as paixões. Os afetos exigem, como o termo sugere, que entremos no domínio da causalidade; mas oferecem uma vista complexa dessa causalidade porque pertencem simultaneamente a ambos os lados do relacionamento causal. Em outras

---

1. Michael HARDT. “Foreword: What affects are good for”. Prefácio do livro *The affective turn – theorizing the social*, organizado por Patricia Ticineto CLOUGH e Jean HALLEY (Durkham and London: Duke University Press, 2007).

palavras, eles iluminam tanto o nosso poder de afetar o mundo a nossa volta, quanto o de sermos afetados por ele – além de propor o relacionamento entre esses dois poderes.

Baruch Spinoza, o filósofo que mais avançou no estudo da teoria dos afetos – e que é, direta ou indiretamente, fonte da maioria dos trabalhos contemporâneos nesse campo –, agrupa os poderes dos afetos em dois conjuntos paralelos de desenvolvimentos ou correspondências<sup>ii</sup>. Primeiro, propõe que o poder da mente para pensar seja idêntico ao poder do corpo para agir. Isto não significa que a mente pode determinar ao corpo que aja, ou que o corpo pode determinar à mente que pense. Ao contrário, Spinoza sustenta que a mente e o corpo são autônomos, mas que prosseguem ou se desenvolvem em paralelo. Uma reivindicação como essa não resolve de forma nenhuma a questão sobre a relação entre corpo e mente; em vez disso, ela coloca essa relação como um problema ou demanda para a pesquisa: toda vez que consideramos o poder da mente de pensar, devemos reconhecer como o poder do corpo de agir corresponde a isso – e a noção de correspondência aqui é, de maneira importante, aberta e indefinida. Um afeto favorece, de maneira ambígua, esse relacionamento; na medida em que indica, ao mesmo tempo, tanto o estado da mente quanto o do corpo. Por isso, perspectiva dos afetos nos obriga a colocar o problema do relacionamento entre mente e corpo com a suposição de que seus poderes se correspondem constantemente de alguma maneira.

Em segundo lugar, Spinoza propõe uma correspondência entre o poder de agir e o poder de ser afetado. Isto se aplica igualmente à mente e ao corpo: o poder da mente para pensar corresponde a sua receptividade às ideias externas; e o poder do corpo para agir corresponde a sua sensibilidade aos outros corpos. Quanto maior o nosso poder de ser afetado, maior o nosso poder de agir. Mais uma vez, Spinoza estabelece uma correspondência, mas não fixa uma proposição determinada. Também neste caso, a noção de afeto abrange a dualidade mente e corpo. Para o autor, os afetos podem ser ações – determinados por causas internas; ou paixões – determinadas por causas externas. Existem as razões, ou ações da mente, que juntamente com as ações do corpo poderiam levar, provocativamente, a uma razão corpórea; e existem as paixões, tanto da mente quanto do corpo. A perspectiva dos afetos não supõe que razão e paixão sejam a mesma coisa, mas, em vez disso, focalizam a ambas num *continuum*. Para Spinoza, o

projeto ético-político envolve um esforço constante de transformar paixões em ações; de substituir encontros que resultam de causas externas, e que podem ser alegres ou tristes, por encontros determinados por causas internas – que são necessariamente alegres. É preciso lembrar ainda que a preferência de Spinoza pelas causas internas não conduz ao um isolamento de qualquer tipo, já que todo aumento no poder de agir e pensar corresponde a um poder de ser afetado. O crescimento da autonomia do sujeito, em outras palavras, sempre corresponde ao crescimento de sua receptividade. Uma maneira de entender esse complexo conjunto de proposições é simplesmente dizer que a perspectiva dos afetos requer a constante problematização da relação entre ações e paixões, razões e emoções. Assim como não é possível prever as ações de um corpo nem os pensamentos de uma mente, não é possível saber o que os afetos podem provocar. A perspectiva dos afetos requer, por isso, a exploração desses poderes ainda desconhecidos. A teoria de Spinoza propõe uma nova ontologia do humano; ou melhor, uma ontologia do humano que é constantemente aberta e renovada.

Um dos desafios centrais para a pesquisa embasada na perspectiva dos afetos de Spinoza reside no fato de que os afetos cavalgam sobre essas dualidades: mente e corpo, e ações e paixões. Os afetos estabelecem uma ponte problemática e transversal entre esses dois fossos: entre o poder da mente de pensar e o poder do corpo de agir, e entre o poder de agir e o poder de ser afetado. Esses são alguns dos desafios teóricos primários que os textos deste livro – e, de fato, de todos aqueles que constituem a virada afetiva – devem enfrentar.

Para dar um exemplo de como a perspectiva dos afetos – que venho até o momento articulando apenas em termos filosóficos – pode ser útil em pesquisas sociais, permitam-me explicar brevemente meu próprio esforço para empregar essa perspectiva, de maneira que possibilite entender mudanças recentes nas formas dominantes de trabalho e produção. Utilizo o termo “trabalho afetivo” como uma maneira de relacionar dois cursos um tanto disparatados de pesquisa. O primeiro é composto de textos de feministas americanas sobre formas de trabalho de gênero que envolvem prioritariamente os afetos – como o trabalho emocional de cuidadores, familiares e parentes, e o trabalho maternal – e que consideram a natureza e o valor de tais atividades em

economias remuneradas ou não<sup>iii</sup>. O segundo é composto de textos de economistas franceses e italianos, e sociólogos do trabalho, que buscam compreender o caráter intelectual cada vez maior de práticas produtivas e do mercado de trabalho em geral, empregando termos como “trabalho cognitivo” e o novo “*cognitariado*”<sup>iv</sup>. O termo “trabalho afetivo” é utilizado para juntar elementos desses dois diferentes cursos e tentar compreender, simultaneamente, os aspectos corpóreos e intelectuais das novas formas de produção, reconhecendo que tais trabalhos se engajam, ao mesmo tempo, no âmbito da inteligência racional e no âmbito das paixões e sentimentos.

Apenas para dar uma ideia da amplitude e variedade das atividades identificadas sob esta rubrica, consideremos que ela inclui agentes da saúde, professores, comissários de bordo, atendentes de restaurantes *fast food*, trabalhadores do sexo – atividades que trazem historicamente uma marca de gênero e que produzem afetos em larga escala. Identificar estas atividades como formas de trabalho afetivo põe em relevo não só as qualidades comuns partilhadas por elas, mas também o fato de que em todas essas atividades o corpo e a mente estão simultaneamente engajados. Ou seja, que estas atividades envolvem diretamente o agenciamento conjunto de razão e paixão, inteligência e emoção. A perspectiva dos afetos requer, assim, que problematizemos as relações que ligam os abismos entre mente e corpo, razão e emoção. Além disso, a identificação de uma categoria de trabalho que reúne conceitualmente uma variedade de atividades produtivas pode ser útil de várias maneiras – seja para iluminar as divisões e hierarquias dentro desta categoria, seja para tornar mais claras as divergências desta categoria com relação a outras.

Finalmente, identificar a categoria do trabalho afetivo permite um avanço: considerá-la ao lado de outras formas de trabalho cujos produtos são basicamente imateriais, o que significa pensar a produção de afetos também como produção de códigos, informações, ideias e imagens. Este reconhecimento analítico possibilitaria, por exemplo, desvendar diferentes formas de exploração partilhadas por uma variedade de trabalhos, e sugerir alternativas políticas para a organização de práticas coletivas de recusa e libertação<sup>v</sup>. O propósito de meu exemplo acerca do conceito do trabalho afetivo é apenas para indicar a utilidade potencial da perspectiva dos afetos em um campo de estudos, demonstrando como isso nos força a focalizar nas correspondências problemáticas que se estendem

sobre esses dois abismos primários – a mente e o corpo – e como essa perspectiva, que revela uma nova ontologia do humano, tem implicações diretas na política.

Os ensaios inovadores reunidos neste volume oferecem uma série de outros exemplos em diferentes áreas, mostrando o potencial da perspectiva dos afetos numa ampla variedade de campos e com uma diversidade de abordagens metodológicas. Alguns deste ensaios, por exemplo, investigam as funções dos afetos entre trabalhadores da saúde, trabalhadores do sexo e da indústria da moda. Outros empregam os discursos da microbiologia, da termodinâmica, das ciências da informação e do cinema para repensar o corpo e os afetos em termos de tecnologia. Outros, ainda, exploram os afetos do trauma em contextos de imigração e de guerra. Em suma, todos os ensaios articulam sérias reflexões teóricas sobre os poderes dos afetos e sobre as possibilidades políticas abertas à investigação por esta visada. A originalidade destes ensaios aponta produtivamente no sentido de um renovação do olhar crítico. Como um todo, eles fornecem razões amplas para crer que existe atualmente uma tendência significativa na pesquisa acadêmica merecedora de ser chamada de “virada afetiva”.

---

i . Alguns textos clássicos da teoria feminista que focalizam o corpo como problemática central são *Bodies that matter: on the discursive limits of sex* (New York: Routledge, 1993), de Judith Butler; e *Volatile bodies: toward a corporeal feminism* (Bloomington: Indiana University Press, 1994), de Elizabeth Grosz. Para trabalhos sobre as emoções na teoria queer, em adição a *Shame and its sisters: a Silvan Tomkins reader* (Durham, NC: Duke University Press, 1995), organizado por Eve Kosofsky Sedgwick e Adam Frank – citado por vários ensaios neste volume –, ver também as duas coleções editadas por Lauren Berlant: *Intimacy* (Chicago: University of Chicago Press, 2000); e *Compassion: the culture and politics of an emotion* (New York: Routledge, 2004).

ii . Ver Baruch Spinoza, “Ethics”, in: *Complete works*, organizado por Edwin Curley (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1985), especialmente a parte 3, 1. Gilles Deleuze – em *Expressionism in Philosophy: Spinoza*, trans. Martin Joughin (New York: Zone, 1990) – evidencia uma percepção completa e inovadora dos afetos neste autor. Sugiro, como excelente exemplo de trabalho contemporâneo que se apoia criativamente na teoria dos afetos de Spinoza e na interpretação de Deleuze, o livro *Parables of the virtual: movement, affect, sensation* (Durham, NC: Duke University Press, 2002), de Brian Massumi.

iii . Ver, por exemplo, de Arlie Russell Hochschild: *The managed heart: commercialization of human feeling* (Berkeley: University of California Press, 1983); de Joan Tronto: *Moral boundaries: a political argument for an ethic of care* (New York: Routledge, 1993); e de Robin Leidner: *Fast food, fast talk: service work and the routinization of everyday life* (Berkeley: University of California Press, 1993).

iv . Ver, por exemplo, de Maurizio Lazzarato: “Immaterial labor”, in: *Radical thought in Italy: a potential politics*, organizado por Paolo Virno e Michael Hardt (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996), p. 133–47; e de Carlo Vercellone (ed.): *Sommes-nous sortis du capitalisme industriel?* (Paris: La Dispute, 2002).

v . Ver, de Michael Hardt: *Affective labor* (*Boundary 2* 26.2 (1999): 89–100); também de Michael Hardt e Antonio Negri: *Empire* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 2000), p. 289–294; e de Michael Hardt and Antonio Negri: *Multitude: war and democracy in the age of Empire* (New York: Penguin, 2004), p.103–115.